

GATTAZ, André Castanheira. *Braços da Resistência. Uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo, Xamã Editora, 1996.

“Don Nicolás se marchó de España el año de 39, porque decían si era masón, y no se volvió a saber nada más de él”¹

O fruto de mais um membro da “nova geração de oralistas brasileiros”² fez sua aparição no mercado editorial. De forma transparente e direta, o autor de *Braços da Resistência*, André Gattaz, propõe ao leitor acompanhá-lo pelas 275 páginas de sua obra através de três seguros eixos: teoria, análise e documentação.

Consciente da novidade do método histórico que pratica e de sua carga polêmica também este oralista escolheu incluir em seu trabalho, não só algumas explicações sobre a história oral, mas também uma exposição dos percalços teóricos e práticos de seu próprio processo de pesquisa. E reside precisamente nesta apresentação um dos méritos do trabalho. Numa linguagem clara o autor consegue sintetizar os pontos principais que caracterizam o ofício do oralista e oferecê-los de forma didática de modo a agradar ao mais leigo dos leitores. Depois de traçar as linhas gerais da evolução da história oral e resumir as obras dos principais oralistas, contrapondo conclusões de

uns e outros e entremeando observações próprias, o autor aborda temas como a criação e tratamento do documento oral, o papel do indivíduo na história, a relação memória coletiva e memória individual, a vocação militante deste método histórico, a relação entrevistador/entrevistado, a representatividade da fonte, entre outros. Deixando entrever a complexidade dos pressupostos teóricos e práticos da história oral, induz a uma reflexão frutífera e estimulante também para o historiador que trabalha com fontes não orais. Porque, embora apontando para a especificidade do registro oral por oposição à documentação escrita, o desenrolar dos argumentos indica preocupações comuns a todos os pesquisadores da história, como a escolha e o recorte de um tema, o problema da veracidade, interpretação e contextualização das fontes, a utilidade social do trabalho do historiador ou a definição de seus destinatários. O debate travado entre oralistas de diversas posições também sugere

¹ CELA, C.J. *La colmena*. Madri, 1951.

² Em palavras de José Carlos Sebe Bom Meihy no prefácio, p. 13

alternativas inovadoras para os historiadores em geral, obrigando a repensar pressupostos aparentemente imovéis. É o caso da polêmica em torno da relação entre a subjetividade das fontes e o mito do realismo histórico, entre fato/narrativa/memória, do papel do autor na caracterização de sua obra ou do fetichismo da palavra escrita na cultura ocidental.

Com um rápido e em algumas ocasiões impreciso olhar, o autor percorre vários séculos de história da Espanha para desembocar - um tanto apoteosicamente - no período da guerra civil (18/julho/1936-1/abril/1939) e nos anos do franquismo. Desta forma nos introduz no tema que constitui o cerne de sua análise interpretativa: a saída de imigrantes espanhóis, expulsos por circunstâncias político/econômicas da década de 50 e a posterior fundação do Centro Democrático Espanhol por um pequeno grupo radicado em São Paulo. Sem ruptura nesta sucessão histórica, o autor se desloca espacialmente e, mudando o tom, aborda o tema da migração e da luta antifranquista no Brasil. A ênfase de Gattaz na tese da motivação política para a partida de seu grupo de imigrantes, não sempre referendada com a mesma convicção pelos depoimentos, desemboca, linear e naturalmente, na atuação política desenvolvida no Centro Democrático. A descrição das atividades deste grupo adquire um colorido e uma vivacidade que se nutrem em boa medida das narrações dos protagonistas. Em contrapartida, as vozes e versões destes colaboradores, projetando suas vivências e apreciações sobre a guerra e pós-guerra, permeiam de forma determinante o caráter e o rumo da narração histórica delineada pelo autor.

O que André Gattaz modestamente denomina “documentação” constitui, na verdade, um comovedor e convincente relato tecido com 8 depoimentos (5 homens e 3 mulheres). Em comum, os colaboradores tem o dramático abandono de sua terra e seu “labor” no Centro Democrático. Surgido na década de 50 da fusão de um grupo de militantes antifran-

quistas e uma associação de caráter regional e mutualista (o Centro Gallego) a associação chegou a reunir mais de 1.000 membros que, concentrando esforços, em um espírito combativo mas também lúdico e, principalmente, solidário, teve uma participação significativa na divulgação no Brasil dos crimes do franquismo e na luta contra este regime (incluindo ajuda aos presos políticos) nas décadas de 50 e 60. Com evidente agrado, embora, como observa o autor, de diferente intensidade em função de sexo, grau de envolvimento político anterior ao exílio/migração ou nível de integração no novo país, todos se detêm para ilustrar esta marcante passagem de sua história pessoal. A morte de Franco (20/11/1975) e a transição espanhola determinam o fim do Centro, agora sem sentido, esvaziado de sua carga ideológica/militante, e até de muitos de seus membros que refazem o caminho de volta para a Espanha. Mas, como destaca André Gattaz, não desapareceu nem da memória de seus protagonistas, e nem das páginas da história.

Em volta do tema principal se entrecruzam numerosos outros temas igualmente instigantes: a dialética ruptura e integração que preside a vivência de todo imigrante - e que, no caso, está sabiamente ilustrada pelos portunholismos intercalados no texto que o autor decidiu conservar - os diferentes graus de adaptação por sexo e idade, as oportunidades e mesmo a generosidade encontradas no novo lar, as dúvidas entre o “ir” e o “estar”, a particular leitura dos últimos 40 anos da história brasileira ou a colaboração com movimentos políticos locais. Destaque merece a descrição, concisa mas sentida, dos sofrimentos causados pela repressão franquista em crianças órfãs, nas viúvas, nos pais com filhos assassinados ou encarcerados, e as seqüelas da “hambre” rastejadas na difícil luta pela sobrevivência pós-guerra de todos os espanhóis em geral, e dos familiares dos “rojos” em particular. E resulta duplamente pertinente esta vivida descrição pela notável

escassez de bibliografia brasileira sobre este tema e porque, como reconhecem muitos espanhóis, a guerra civil “no está de moda”.

Trata-se, em síntese, de um livro escrito com sentimento e consciência, sendo este o último de seus méritos. Porque determinados assuntos dificilmente

podem ser abordados com aquela falsa objetividade que a ninguém engana. Ou em outras palavras, porque a narração da perseguição da utopia de uma sociedade mais igualitária merece o grau de comprometimento que o autor demonstrou possuir ao realizar seu sonho particular, a preservação destas memórias de vida.

Maria Cristina Martinez Soto

Mestre pela Universidade Autônoma de Madri,

Doutora pela USP